

LIVRO DE FOZ: VIAGEM AO OESTE DO PARANÁ, PERCORRENDO OS ITINERÁRIOS DE UM GRUPO DE DESAPARECIDOS POLÍTICOS (1974- 2021)

Manoela Cavalinho [Manoela Farias Nogueira]

Resumo: O artigo aborda uma viagem para o oeste do Paraná em busca da história de seis desaparecidos políticos mortos durante a ditadura militar. Esse trajeto é contado a partir da transcrição das 42 frases do *Livro de Foz*, espécie de diário e livro de artista em que relato o percurso e apresento uma série de acasos e reviravoltas que acompanharam a viagem.

Palavras-chave: Ditadura Civil-Militar. Desaparecidos políticos. Labirinto. Livro de Foz

LIVRO DE FOZ: JOURNEY TO THE WEST OF PARANÁ,
TRAVELING ALONG THE ROUTES AS A GROUP OF POLITICAL
DISAPPEARED (1974-2021)

Abstract: The article presents a trip to the west of Paraná in search



of the history of six political disappeared who died during the military dictatorship. This journey is narrated from the 42 phrases of the *Livro de Foz*, sort of diary and artist's book in which I describe the roaming and present a series of coincidences and twists that were present on this trip.

Keywords: Military dictatorship. Political disappeared. Labyrinthe. Livro de Foz

Submeti ao 67º Salão Paranaense de Arte Contemporânea uma instalação no Parque Nacional do Iguaçu, no oeste paranaense, local de assassinato e desaparecimento de cinco militantes brasileiros e um estudante argentino durante a Ditadura Civil-Militar. Constam entre os desaparecidos Onofre Pinto, Daniel Carvalho, Joel Carvalho, José Lavecchia, Vítor Ramos e Enrique Ruggia. Segundo o site do Memorial da Resistência de São Paulo, Onofre Pinto foi sargento do exército e, ainda antes do golpe militar, liderou a mobilização do Clube de Subtenentes e Sargentos do Exército. Posteriormente, foi preso e teve seus direitos políticos cassados. Onofre foi um dos fundadores da VPR - Vanguarda Popular Revolucionária e também seu último líder, após a morte de Carlos Lamarca. Daniel Carvalho e Joel Carvalhos eram irmãos, o primeiro trabalhava de torneiro mecânico no ABC Paulista, enquanto Joel era operário gráfico. Militavam no PCB e tiveram um de seus irmãos, Devanir, morto na tortura.

José Lavecchia era sapateiro, também militante do PCB até ingressar na VPR. Vítor Ramos era escultor. Na Argentina, foi professor de artes plásticas e casou-se com uma militante que morreu num atropelamento suspeito. Já o argentino Enrique Ruggia era estudante de medicina veterinária na faculdade de Agronomia de Buenos Aires quando tornou-se amigo de Joel Carvalho. Mesmo



sem pertencer a nenhuma organização ou partido político, entrou clandestinamente no Brasil a fim de participar da luta guerrilheira. Desde o golpe que depôs Salvador Allende, os brasileiros encontravam-se exilados em Buenos Aires. Desde o país vizinho foram intensamente monitorados e enfim atraídos para a Mata Nacional do Iguaçu. Os assassinatos ocorreram em julho de 1974, durante o governo Geisel.

Intrigou-me pensar o sul também enquanto um local de desaparecimento, para além do Araguaia ou da Vala de Perus¹. Com o Golpe Parlamentar de 2016, abandonou-se o projeto de um memorial sobre este grupo a ser construído na UNILA - Universidade de Integração Latino Americana, em Foz do Iguaçu. Em uma entrevista Andreas Huyssen refere-se ao escritor Robert Musil, quando diz que “nada é tão invisível quanto um monumento” (Huyssen, 2012), contudo, pensava se o abandono do memorial poderia reforçar o esquecimento do grupo e estender-se à questão dos desaparecidos, num país de raras iniciativas memorialísticas quanto à Ditadura Militar?

Nesta entrevista Huyssen também comenta sobre os “contra-monumentos”, a exemplo do *Monumento contra o fascismo*, de Jochen e Esther-Shalev Gertz, um pilar que afundava lenta e progressivamente em sua estrutura, i.e., um monumento como um ato de desaparecimento. Minha proposta ao Salão mencionava uma incursão à floresta. Uma vez lá dentro marcaria o caminho de entrada na mata com ossos de barro, a fim de que servissem de orientação para o trajeto de volta. O barro branco, ao contrário das migalhas de pão da história de João e Maria, seriam a garantia de saída da floresta. Ao mesmo tempo, tratava-se de uma possível interlocução com o projeto abandonado pela UNILA, uma



vez que iria até os prováveis locais de assassinato e identificaria, com letras de bronze, os nomes de cada desaparecido. Uma vez que eu recolheria os bronzes, a instalação dos ossos em breve seria absorvida pelo solo com as chuvas e a umidade da mata, i.e., desapareceria para que fosse possível lembrar, em consonância com os anti-monumentos descritos por Huyssen.

Os desdobramentos desta viagem resultaram em dois trabalhos, a instalação *Folha de Papel* (2022), que teve exposição no Museu Paranaense e o *Livro de Foz* (2022), que passou a integrar o acervo do MAC-PR. Esta é uma publicação, uma espécie de diário no qual anoto a sequência daqueles dias. Para além de *Folha de Papel* e do *Livro de Foz*, percebo aquela viagem enquanto um trabalho *per se*, em que eu, Kevin Nicolai e Daniela Prates partimos em busca do que ainda circulava sobre a memória dos desaparecidos pela região e ao encontro do acaso. Um trabalho com contornos vagamente definidos e que, algumas vezes, misturou-se com minha vida gerando consequências desconhecidas.

Escrevo este artigo a partir da transcrição do *Livro de Foz*. Talvez o ritmo pareça entrecortado, como num *road movie*, entre a ação das frases entremeadas por textos mais longos sobre contexto, conceitos e inspirações.



O LIVRO DE FOZ

A necessidade contratual de retornar uma produção para o Salão me fez perceber que um registro da nossa ação ou um mapa da itinerância seriam insuficientes. Escrevi uma espécie de diário pensando que a narrativa contornaria melhor aqueles percursos. Mas neste diário, à medida que as páginas avançavam, o tempo pode retroceder. Por exemplo, quando descrevo nossa chegada à cidade em que Onofre desapareceu, o Livro de Foz não registra a data da nossa ação, mas sua data de desaparecimento, 13 de julho de 1974. Esta paralisia reverbera com a irresolução política acerca dos desaparecidos e a espera indefinida pelo seu retorno. Na última página o tempo se divide, 1968- 1990- 2021 indicando fim e recorrência.

Outras duas últimas anotações sobre o livro: as páginas são translúcidas (papel vegetal) e, diante de cada uma, é possível ler as subsequentes; o volume também pode ser exposto à maneira de um varal, quando percebe-se a mancha gráfica deslocando-se ao longo das páginas, como numa marcha ou caminhada. Sobre a tipografia, trata-se de uma versão contemporânea da *Franklin Gothic*, fonte comum aos jornais impressos da época do assassinato e desaparecimento do grupo. A diagramação foi uma contribuição da designer e artista visual Tatiana Pondlubny.





Figura 2: Manoela Cavalinho. *Livro de Foz*, 2022. Livro de artista. Fonte: Museu de Arte Contemporânea do Paraná (MAC-PR).



LIVRO DE FOZ - PÁGINA A PÁGINA

19- 25 OUTUBRO 2020

Na mesma semana em que se encerravam as inscrições para o 67º Salão Paranaense, li sobre os desaparecidos políticos do oeste do Paraná pela primeira vez.

(p. 1)

Pesquisando sobre a ditadura encontrei o blog *Documentos revelados*, do jornalista e ex-presos político Aluizio Palmar. Aluizio é uma espécie de sobrevivente. Em 1974 também se encontrava exilado na Argentina quando foi convidado por um agente duplo para retomar a guerrilha no Brasil. Ao pressentir perigo, escapou para o interior do país, de onde só retornou depois da Lei da Anistia. Em seu livro *Onde foi que vocês enterraram nossos mortos?*, pondera

Até hoje, passados trinta anos, não sei ainda o que pesou mais na minha decisão; se foi a avaliação da conjuntura política ou o comodismo. [...] Uma coisa é certa: eu sobrevivi e os outros não. Mas carrego um não sei o que de culpa, pois eu devia ter alertado os demais companheiros já que eu havia pressentido perigo na ocasião em que fui convidado [...] a entrar em seu esquema (Palmar, 2005, p. 149)

Nascido na região serrana do Rio, desde que voltou do exílio Aluizio mora em Foz do Iguaçu e, a partir da cidade, pesquisa sobre o paradeiro do grupo. Ainda, segundo relata no livro, “minha busca pelo grupo remanescente da VPR se tornou uma obsessão com o passar do tempo. Às vezes eu penso que esta minha teimosia é porque estou em busca de saber como seria minha morte caso tivesse acompanhado o grupo” (Palmar, 2005, p.156).



24-25 OUTUBRO 2020

Escrevi o projeto num final de semana escuro e muito quente. Percebi que algo lúgubre nos acompanhava.

(p. 2)

25 OUTUBRO 2020

No final de domingo, enquanto montava a maquete da Mata Nacional do Iguaçu, DANIELA conversaria com o pai, ALMIRO, pela última vez.

(p.3)

28 JULHO 2021

Eu, CAVALINHO, viajaria para o Paraná oito meses depois, junto com DANIELA e KEVIN. Carregávamos uma mala de fêmures de barro e as letras, em bronze, com os nomes dos desaparecidos

(p.4)

No início deste texto, indiquei que a função dos ossos era marcar o caminho de entrada e saída da mata. Pensar a floresta enquanto um labirinto, devaneando sobre um clamor pelo retorno por parte dos desaparecidos e, quem sabe, também um chamado fantasma para que nós nos perdêssemos. Estas foram imagens emprestadas do livro *Antes do passado* (2010), de Liniane Brum. Liniane é sobrinha de Cilon, desaparecido no Araguaia. Nesse livro ela narra suas viagens até a região, antes para conhecer o tio através de relatos do que em busca dos ossos. Contudo, ao final da sua segunda expedição, encontra-se com um mateiro que havia descoberto “ossos graúdos”. Alguém sugere que ela o acompanhe e segue-se esta reflexão

Olhei para o enredado de verdes de todos os tons à minha frente. Adiante, um breu sem fim mostrava que a floresta, à medida que se afastava da estrada, se tornava uma - se nos perdêssemos lá dentro poderia nunca haver retorno. Lembrei-me do fio de Ariadne, de João e Maria e, por fim, me dei conta do absurdo que era aquilo



tudo. Jamais pensara em me embrenhar na floresta e procurar restos mortais do tio Cilon. [...] E, no entanto, ali estava eu na boca da floresta, avaliando a hipótese com seriedade. Pensei na família e no trauma adicional que seria se eu me perdesse para sempre por ali. Pensei em tio Cilon - será que ele me perdoaria, ou me tomaria por covarde? Precisaria de tempo para decidir. [...] O barulho do motor do carro apressou minha decisão. "O problema é que estou de bermuda. Não trouxe nenhuma calça comprida", menti. "Vou ser devorada pelos mosquitos". Sentia-me muito mal. Acreditava estar abandonando tio Cilon. Ao mesmo tempo, a ideia de entrar na selva me dava a sensação de profanar o sagrado. Como se fosse possível profanar o que, uma vez, já fora profanado (Brum, 2010, p. 221- 222).

Do livro, havia guardado esta imagem: Liniane diante da floresta, ao longe, a escuridão. Entre o verde e o negro imaginava ossos que flutuavam, tão brancos que resplandeciam num azul muito claro, cor metálica, radioativa. Esses ossos mágicos, fantasmagóricos, eram toda minha memória do livro e lembrei-me deles quando li sobre desaparecidos da Mata Nacional do Iguaçu.

Os meses que esperei pela viagem seguiram-se intranquilos. Pensava nos rios imensos, nas cataratas, na mata fechada e, desde então, acompanhava-me em silêncio uma sensação incômoda de abordar a Ditadura Militar sob um dos seus aspectos mais sensíveis. Quem sabe não seria eu, tão paralela às histórias, que acabaria engolida pelo labirinto?

Sobre a escrita dos nomes ao lado dos fêmures de barro, foi um impulso pouco anterior à partida. Não eram somente desaparecidos, eram Onofre Pinto, Daniel Carvalho, Joel Carvalho, José Lavecchia, Vítor Ramos e Enrique Ruggia, O helenista Jean Pierre Vernant, em *Mito e pensamento entre os gregos*, aborda uma tradição arcaica para sepultar aqueles cujos corpos não foram



encontrados e que, em seu momento final, incluirá a evocação dos nomes. Transcrevo o ritual:

Quando um homem, que partiu para longe, parece ter desaparecido para sempre, ou quando morreu sem que tenha podido trazer seu cadáver e nem lhe prestar os ritos funerários, o defunto, ou melhor, o seu “duplo”, a sua *psyché* [alma] fica enterrada sem fim entre o mundo dos vivos e o dos mortos: não pertence mais ao primeiro; não foi relegado ao segundo (Vernant, 2002, p. 385).

Na tradição grega, conforme relata Vernant, esses insepultos causavam uma série de distúrbios. Para acalmá-los era preciso construir um invólucro para ancorar a alma vagante. Para tal, separavam um bloco de pedra talhado à maneira da forma humana, cuja funcionalidade era isolar o morto dos vivos e, assim, permitir o contato com ele. Diante desta pedra, conhecida como *kolossós*, invocava-se o nome do morto por três vezes. Depois levavam-na para longe da cidade, quando era plantada em bosques incultos e distantes. Esta região inabitada era propícia para que, enfim, a alma do morto pudesse vagar.

As letras de bronze com as quais viajamos, idênticas às utilizadas em jazigos, mencionavam uma lápide mínima. Evocava os desaparecidos, assim como os insepultos eram solicitados diante dos *kolossós*. A mata também era um local à parte, podendo corresponder aos “bosques incultos e distantes” citados por Vernant. Os ossos de barro, que ficavam ao lado dos nomes, certamente não eram *kolossós*, tampouco pretendiam resolver esse longo capítulo sobre os desaparecidos da Ditadura Militar. Inspiravam-se nessa tradição grega mas, diferentemente da pedra, a argila se dissolveria em meio à terra, enquanto as letras perder-se-iam ou seriam recolhidas por nós. Antes, eram *kolossós* às avessas,



a fim de precipitar esse assunto na região e nos espaços de arte e memória do Paraná.

22 JULHO 2021

Quando fomos buscar os bronzes,
seguiram-se fatos curiosos. (p. 5)

O trânsito estava parado.
Conduziam-se, em cortejo,
os corpos dos bombeiros
desaparecidos no incêndio do
prédio da Segurança Pública (p.6)

Na primeira marmoraria quem
nos atende é CÉSAR BELO.
Não há bronze. (p.7)

Na segunda há apenas um punhado
mas, repetindo-os, quase se escrevem
os nomes. Para a falta do Q invertemos
um Ó, amputamos o Y e esconderíamos
a base do L para servir de I. (p.8)

ONOFRE
JOSE
ENRIQUE
DANIEL
JOEL
VÍTOR (p.9)

De repente, uma gota de sangue
cruza a testa do vendedor. Lembro-me
de Onofre, morto com um tiro na testa. (p.10)

O fim da tarde parece instável
e penso em comer carne para "aterrar".
Caminhamos até açougue. (p. 11)

Fotografo uns desenhos ao lado do caixa. (p.12)



Seis figuras que parecem dar-se
as mãos. Uma sétima, em azul, avança
para a direita. Ao seu lado, lê-se
PAI ALEX FELIZ

(p.13)



Figura 3: Manoela Cavalinho. Registro fotográfico de viagem, 2021.
Fonte: Acervo pessoal da artista Manoela Cavalinho.

Nessa sequência elenco algumas coincidências: o trânsito parado pelo cortejo dos bombeiros desaparecidos, o fio de sangue que escorre da testa do vendedor. Sobre as letras de bronze, elas são moldadas sob encomenda e não havia mais do que uma dúzia mas, por sorte, escreviam todos os nomes.

Sobre a foto, disparei a câmera num impulso. Só depois percebi: sete desenhos de criança colados na borda de uma prateleira. Entre os desenhos, os seis primeiros desenhados por um



pincel atômico preto. O primeiro, o terceiro, o quinto e o sexto em folhas numeradas, respectivamente, 1802, 1804, 1805 e 1806, no alto, à direita.

02, 04, 05 e 06? Seriam os seis? Não, pois eram sete. Foi quando lembrei de Aluízio Palmar, que escapou da emboscada. Quem sabe seis (desaparecidos) em preto, mais um (sobrevivente) em azul? Na prateleira acima, entre a quinta e a sexta folha de papel, um cavalinho. Na borda direita a reiteração desse signo numa embalagem de *White Horse*. Quem sabe eu também estivesse presente nesse enredo, a conduzir o grupo em direção ao sobrevivente?

ALUÍZIO também fora chamado
para a tocaia, mas escondeu-se.
Desde então imagina como teria sido
a sua morte.

(p.14)

23 JULHO 2021
Em Foz do Iguaçu conhecemos ALEX,
filho de ALUÍZIO

(p.15)

Logo acima dos desenhos um
cavalinho parece conduzir o grupo
em direção ao que avança.

(p.16)

Essa série de espelhamentos lembrou-me uma entrevista de Eduardo Veras com a artista Maria Helena Bernardes. Bernardes conta que iniciou a leitura de Nadja, de André Breton, enquanto morava em Paris, na sequência de pesquisas sobre a deriva situacionista e a perambulação surrealista. Segundo a autora

Queria entender o que ligava a deriva situacionista à perambulação surrealista, então, passei o verão lendo entrevistas, ensaios,



revistas (...) Esse interesse pelo Surrealismo dos jogos do acaso, da disponibilidade para as ruas, foi o que me levou a Nadja. (Bernardes, 2017, p.5).

Comenta que ficou “tomada” pela leitura e, durante meses, passou a perseguir todos os endereços mencionados no livro

precisava pisar cada calçada, sentar em cada banco de praça, percorrer cada esquina, olhar para cada hotel, estar em cada ponte, estação de trem, café ou livraria. A cada mergulho no mundo de Nadja, sentia uma comoção da qual eu lembro até hoje (Bernardes, 2017, p.5).

Assim que desembarcamos em Foz do Iguaçu foi ganhando contornos aquilo que Kevin comentara, que o trabalho não se resumia à instalação na mata, mas abrangia o próprio percurso. Assim surgiu o desejo de percorrermos os mesmos locais pelos quais o grupo passou, com sorte encontraríamos quem ainda se lembrasse dos desaparecidos. Sobre o percurso de Maria Helena seguindo a pista de Nadja, ela comenta que “a certa altura, ainda em Paris, ‘coincidências petrificantes’ entre o passado de Nadja e o plano real dos meus dias começaram a me sobressaltar. Passava os dias sozinha, caminhando [...] atrás dos vestígios de dois fantasmas” (Bernardes, 2017, p. 6). Também nós estávamos longe de casa e, de certa maneira, buscávamos pelos fantasmas. E, desde o episódio dos bronzes, estávamos muito atentos à sobreposição de outros planos com nosso percurso.

Esboçamos um primeiro itinerário: a entrevista com Aluizio, seguir até as margens do Lago Itaipu e enfim, entrar na floresta. Mas se tampouco as seis expedições oficiais de busca pelos desaparecidos lograram avançar na descoberta dos locais de assassinato, para seguir o rastro dessa história orientamo-nos



também por símbolos e coincidências. Um exemplo: quando procurávamos por algum resquício do que um dia havia sido o Rio São Francisco Falso, hoje coberto por Itaipu, chegamos ao final da estrada. Um encontro fortuito nos indicou a direção. Seu Mineiro estava na sombra de uma árvore. De cabelos encanecidos, usava um chapéu com a insígnia de um cavalo branco e, em algum momento da nossa conversa, mostrou-nos o ventre costurado. Quem sabe o cavalo branco fosse uma recorrência com aquele outro, que encontramos acima dos desenhos, apresentado no comentário anterior, assim como uma referência ao meu nome? Já seu ventre lembrava-me diretamente a morte de Onofre, que foi estripado para que seu cadáver afundasse nas águas do São Francisco Falso, tal como apresento nas transcrições a seguir. Pegamos o caminho que ele indicou, entramos por uma em meio a um milharal que levava às margens do lago onde, no passado, havia a capitania dos portos e movimentação policial. A cada dia da viagem a intuição sobre o caminho se tornava mais presente, afinal como encontrar o trajeto se mesmo a memória e o que se conta sobre a ditadura militar ainda estão envoltos em silêncio?

Talvez essa interferência de planos, sobre a qual comenta Bernardes, não seja senão o *Acaso Objetivo*, conceito formulado por Breton e um dos fundamentos do surrealismo. No prefácio da edição brasileira de *Nadja*, Eliane Robert de Moraes ressalta uma passagem que pode corresponder a esse conceito “Não sei por que é para lá, de fato, que meus passos me levam, que vou para lá quase sempre sem objetivo determinado, sem nada decisivo a não ser esse dado obscuro de saber que ali vai acontecer isto” (Moraes *apud* Breton, p. 15, 2007). Segundo uma descrição do próprio autor, “A causalidade pode ser entendida em conexão com a categoria do



acaso objetivo, uma forma de manifestação da necessidade externa que penetra no inconsciente humano” (Breton, 1946, p. 43). Ou seja, uma determinação externa que, mesmo não completamente compreendida, deve ser seguida para que o acaso se manifeste. Trata-se de um conceito incomum, que opera na contramão da lógica e da causalidade habituais, uma orientação para além do plano consciente guiando-se pelo manancial do inconsciente que indica a direção. A ocorrência do acaso objetivo depende da atenção para as coincidências. Sem ela, provavelmente, nada seria notado. E foi com este tipo de atenção que seguimos viagem.

24 JULHO 2021

De Foz, seguimos em direção ao
Rio São Francisco Falso, hoje submerso
por Itaipu.

(p.17)

MAIO 1984

O Paranazão que foi enchendo,
submergindo lavouras, cidades,
as Sete Quedas

(p.18)

30 JULHO 2021

Na margem escrevemos ONOFRE
entre uma espiral de tripas secas.

(p.19)

13 JULHO 1974

Desventraram-no para que seu corpo
afundasse no rio.

(p.20)





Figura 4: Manoela Cavalinho e Kevin Nicolai. *Onofre*, 2021. Fotografia.
Fonte: Acervo pessoal de Manoela Cavalinho.

Segundo pesquisas de Aluizio Palmar, Onofre foi executado em dia e local separado dos demais. Retomo aqui uma rápida sequência dos fatos: os seis atravessaram a fronteira Argentina-Brasil a convite de um agente duplo, com a promessa de rearticular a guerrilha após expropriarem um banco em Medianeira, para onde seguiram, com exceção de Onofre.

Nesta época, o caminho até Medianeira passava por Capanema, onde atravessam o Rio Iguaçu e percorreram alguns quilômetros pela mata. José, Enrique, Daniel, Joel e Víctor seriam fuzilados ali mesmo. Já Onofre seria conduzido até a Casa da Morte² de Foz do Iguaçu, onde foi torturado e morto. Segundo Palmar,



Onofre Pinto morreu com um tiro na cabeça, seu ventre cortado e entre as tripas foi colocada uma caixa de câmbio de um jipe que até então estava abandonada num canto da casa. [...] Seu corpo foi [...] levado para fora de Foz do Iguaçu. No meio da noite os militares subiram pela antiga estrada de acesso a Guaíra e antes de chegarem a Santa Helena jogaram o corpo nas águas do Rio São Francisco Falso. Seis anos depois, a região foi inundada para formar o Lago de Itaipu. Hoje, o imenso reservatório é o sepulcro do primeiro e último comandante da Vanguarda Popular Revolucionária (Palmar, 2005, p. 230-232).

Assim como a morte de Onofre, a Comissão Nacional da Verdade levantou relatos semelhantes sobre os métodos de desaparecimento nas águas, particularmente as vítimas da Casa da morte, em Petrópolis, que eram descaracterizadas e jogadas no Rio Guandu³.

Sinto grande alívio
(em viajar com um a menos).
Seguimos para Serranópolis.⁴

(p. 21)

31 JULHO 2021
Distante meia hora do início da mata,
escrevo JOSE sobre um tronco caído.
Recolho as letras e abandono o osso.
Penso na grande solidão dos túmulos.

(p.22)

Numa curva escrevo ENRIQUE.
Enquanto amarro um fêmur,
algumas letras perdem-se no chão.

(p.23)

As vegetações alternam-se:
samambaias, túneis e, mais adiante,
um tapete de folhas castanhas. No alto
do morro escrevemos DANIEL.

(p.24)

Atravessamos um rio para deixar
o nome de JOEL em meio a um campo
de trevos.

(p.26)



No caminho de volta não encontro
a árvore incinerada. Escrevo VITOR
numa cava de terra já perto da saída.

(p.27)

1º AGOSTO 2021
Voltamos para uma ronda.
Encontramos alguns fêmures intactos
e outros em fragmentos.

(p.28)

Encontramos dois ossos destruídos e outros dois, talvez mais embrenhados entre a mata, intactos. Os golpes com que foram estilhaçados indicavam violência. Sim, eles eram objetos estranhos em meio à mata, mas também discretos, inofensivos. Esta destruição lembrou-me outra.

Em 2013, durante a Bienal de Arquitetura de São Paulo, foi proposto pelos compositores Celso Sim e Pepê Mata, e pela arquiteta Anna Ferrari, a instalação *Penetrável Genet/ Experiência Araçá*, uma ocupação do cemitério homônimo. Partia-se de um trajeto sonoro que conduzia os visitantes a uma caminhada pelas alamedas, à maneira de um labirinto. O Edifício do Ossário Geral corresponderia ao centro, ocupado por monólitos de mármore aparentemente intransponíveis. Este ossário foi o destino de todas as 1046 ossadas encontradas na vala clandestina de Perú, muitas delas de desaparecidos políticos. Segundo o livro de Camilo Vannuchi, *Vala de Perú, uma biografia*, três dias depois da inauguração, na madrugada do Dia de Finados, os monólitos de meia tonelada foram despedaçados, os carneiros abertos e os ossos espalhados pelo chão. Por sorte, não eram os ossos da Vala. O caso foi comunicado à Comissão Nacional da Verdade e,



quando da visita de alguns dos seus integrantes à instalação, os artistas decidiram-se por não restaurar a obra, mas deixar evidente o vandalismo.

Difícilmente quem destruiu os ossos de barro do Parque conhecia ou associava a mata com o grupo de desaparecidos, contudo a violência era explícita. Quem sabe dirigida ao desconhecido, àquilo que poderia guardar um significado ritual e mesmo, à arte. Ou a todos eles.

Em poucos dias todos sucumbiriam
à umidade, manchando terra com terra.

(p.29)



Figura 5: Manoela Cavalinho e Kevin Nicolai. Sem título, 2021. Fotografia.
Fonte: Acervo pessoal de Manoela Cavalinho.



Sinto dificuldades em me despedir
desse labirinto de sombras.

(p.30)

Alcançamos a zona lindeira ao meio-dia,
durante a colheita do milho.

(p.31)

Cansados, seguimos até Capanema, última
cidade pela qual passou o grupo de ONOFRE.

(p.32)

No hotel:

- Qual o motivo da viagem?
- Viemos para filmar sobre os assassinatos da ditadura militar.
- Assassinatos dos caçadores?
- Assassinatos dos desaparecidos políticos,
ocorridos ali do outro lado do rio.

(p.33)

Cobriu-se com um véu e olhou para a Bíblia.

(p.34)

47 anos depois.

(p.35)

Sem perceber, guardávamos sigilo sobre nossa viagem. Só na chegada a Capanema, a um dia do retorno definitivo, respondi sobre nossos motivos. Algum tempo depois minha interlocutora rezava fervorosamente e evitava a troca de olhares. Quem sabe os desaparecidos da cidade continuassem sendo um incômodo?

O historiador Daniel Aarão Reis foi um dos pioneiros no entendimento da Ditadura Militar com determinante apoio civil, desde o exemplo das Marchas da Família com Deus pela Liberdade, liderada pelas mulheres e pelo clero e que consolidou o apoio ao regime. Uma Ditadura Civil-Militar implica uma adequação social ao regime, diferente da perspectiva memorialística de oposição que se consolidou a partir do declínio da ditadura.

Essa virada teórica surgiu a partir de pesquisas revisionistas



sobre a ocupação nazista da França, que esvaneceu o mito da resistência. Segundo Patto Sá Motta, referindo-se a Robert Paxton, “Esse historiador mostrou a profunda colaboração entre as autoridades francesas e as forças de ocupação alemãs, desencadeando uma virada na memória e também na historiografia” (Patto Sá Motta, 2016, p.3). Segundo ele, se não houve resistência, por outro lado nem sempre se tratava de colaboração, mas de uma adesão ao sistema. No caso da Ditadura Militar, costumes da cultura política brasileira levantadas por autores como Gilberto Freire e Roberto DaMatta, vinculada às práticas de conciliação, personalismo e ojeriza aos conflitos podem ter colaborado para a adesão à ditadura. Intriga-me os interditos acerca da memória da Ditadura Militar e acredito que a perspectiva de uma adesão, uma acomodação por parte da população civil pode ser a causa dos recalques da memória.

Diante deste hiato, desdobrou-se nossa última ação.

Amanhã iremos até a praça e
contaremos suas histórias diante
de um varal com os seus retratos.

(p.36)

02 AGOSTO 2021
- Seriam, por acaso, os pioneiros?
- Não, são os desaparecidos políticos,
mortos aqui na cidade.

(p.37)

Conversamos com as betas, com
o mendigo, o jornalista e o prefeito.
Alguém se lembra de uma senhora,
agora sem memória, que contava
sobre a noite dos assassinatos.

(p.38)

Olho os retratos pelo verso, as manchas
do xerox em negativo contra o azul



brilhante do céu. Cada um, a seu modo,
desprende-se ou resiste ao vento.

(p.39)

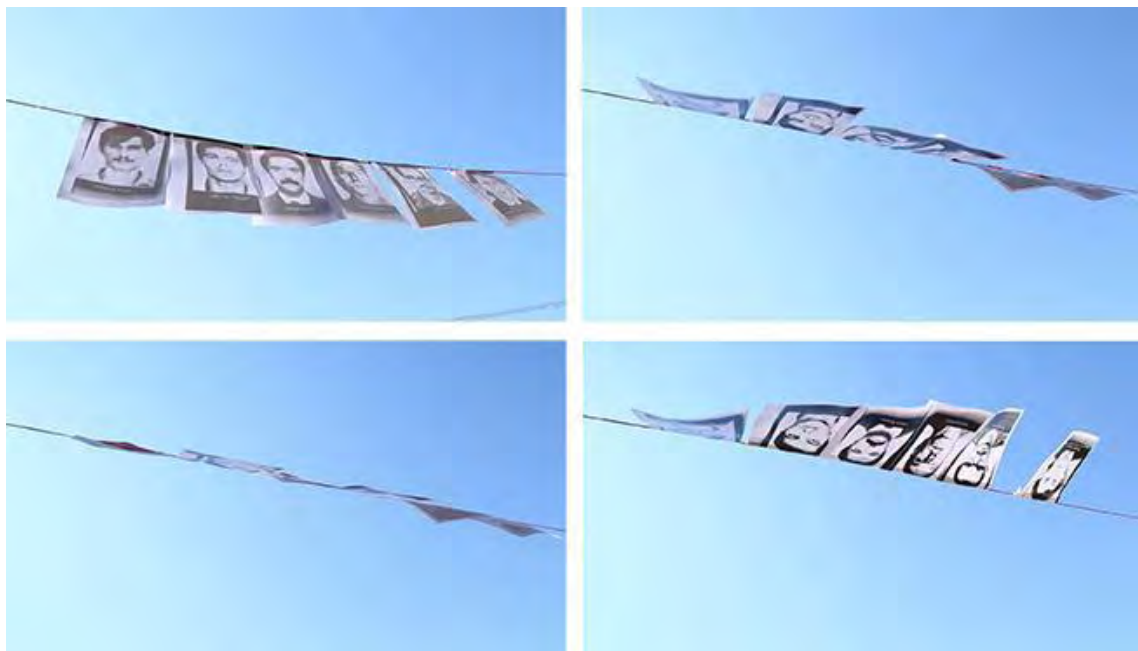


Figura 6: Manoela Cavalinho. Sem título, 2021. Frames do vídeo *Folha de papel*.
Fonte: Acervo pessoal de Manoela Cavalinho.

Aguardo-os e, como já se tivesse
passado muito tempo, enfim libero-me.
Logo estaríamos na estrada.

(p.40)

Diante da recusa da dona do hotel em escutar e, prevendo a mesma recusa da população, tantos anos depois dos assassinatos, resolvemos nós mesmos publicizá-lo na Praça dos Pioneiros, a principal da cidade.

Permaneceríamos na praça durante três horas e, caso não nos levassem para a delegacia, retornaríamos para Foz do



Iguaçu na primeira hora da tarde. A partir das conversas, que se desenrolavam diante do varal, enfim surge uma memória. Um sogro falecido que sabia do ocorrido. Também havia uma senhora, agora com Alzheimer, que morava nas barrancas do Iguaçu e comentava sobre a noite em que foram levados para dentro da mata. O prefeito, desconfiado, veio averiguar. No silêncio do meio-dia olho para os papéis voando, afinal, eu não sabia ainda, mas era para isso que tínhamos percorrido tantos quilômetros, para que se liberassem no vento da cidade onde desapareceram.

Sinto desesperança e glória ao lembrar
de um passado sombrio e, olhando
para os rincões do Paraná, imaginar
um futuro constricto, duríssimo.

(p.41)

Um único comentário. Para Suzana Lisboa, viúva de Eurico Tejera Lisboa e uma das principais articuladoras da Comissão especial de mortos e desaparecidos políticos, “Não há democracia onde houver desaparecidos” (Lisboa, 2017).

1968- 1990- 2021
Tim Maia canta Folha de papel
no rádio do carro.

(p.42)

POSFÁCIO- FOLHA DE CAPANEMA

De volta à estrada, um retorno do jornalista. Havia escrito uma reportagem na qual comentava nossa passagem por Capanema e falava sobre os desaparecidos. Seus rostos estariam estampados no jornal e, outra vez, eles seriam lembrados na última cidade em que foram vistos.



DESAPARECIDOS POLÍTICOS NA REGIÃO DE CAPANEMA PR



Em passagem por Capanema a equipe de historiadores e cineastas vieram realizar trabalhos dos desaparecidos políticos em nossa região. Na oportunidade a Manoela Cavalinho, artista visual, que participou num Salão promovido pelo Museu de Arte Contemporânea do Paraná, em Curitiba. Este trabalho será exibido no MON- Museu Oscar Niemeyer.

Em conversa com a Folha de Capanema, Manoela nos relatou: "Vim

com o cinegrafista e co-diretor Kevin Nicolai, e com Daniela Chubita, assistente em produção realizar um trabalho de escultura na Mata Nacional do Iguaçu e, ao longo do trajeto, gravamos um filme. Começamos a filmagem entrevistando Aluísio Palmar, autor de Onde foi que vocês enterraram nossos mortos? Aluísio foi o único deste grupo da VPR-Vanguarda Popular Revolucionária que escapou da emboscada na Mata do Iguaçu. Em Serranópolis,

entramos na trilha da onça e depositamos cinco ossos de aveia branca, um para cada desaparecido. Ao lado de cada osso, escrevemos os nomes dos cinco, à maneira de uma lápide. Por fim, estivemos aqui em Capanema, e es-tendemos na praça a foto desses seis desaparecidos, visto que eles entraram pela cidade, atravessaram o rio com a antiga bolsa, neste município".

Na obra, o jornalista Aluísio Palmar traz revelações sobre os últimos



passos de seis guerrilheiros que estavam na Argentina e desapareceram ao ingressar no Brasil para promover ações armadas no Sul do país. A obra é o resultado de 26 anos de investigação jornalística e verdadeira obstinação em busca das circunstâncias

das mortes e da localização da cova onde foram enterrados cinco brasileiros e um argentino, que insistiram em continuar a luta armada contra a ditadura militar, mesmo após a derrota das organizações guerrilheiras em meados de 1974.

Figura 7: Página do jornal *Folha de Capanema*. Edição nº 393, de 04 de agosto de 2021. Fonte: folhadedecapanema.com.br.

Notas

¹ Estima-se que 69 pessoas sigam desaparecidas no Araguaia, sendo que apenas três foram identificadas. Já sobre a vala de Perus e o périplo das ossadas, sugiro a leitura de *Vala de Perus: uma biografia*, de Camilo Vannuchi. Disponível em: www.memoriasdaditadura.org.br/vala-de-perus-uma-biografia. Consultado em 07 de dez 2022.

² No Brasil operaram um número incerto de Casas da morte durante a ditadura militar, centros de interrogatório, torturas e mortes. A mais conhecida é a Casa da Morte de Petrópolis. Outras, com histórias



igualmente macabras, foram a Casa Azul, em Marabá (PA), a Fazenda 31 de Março, em São Paulo e também o Dopinho, em Porto Alegre.

³ BBC News Brasil. *Oito descobertas da Comissão da Verdade*. SCHREIBER, Maria, 28 de março de 2014. Em: www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/03/140328_comissao_verdade_ms. Último acesso em 07 dez 2022

⁴ Serranópolis do Iguaçu é um município que se originou de Medianeira. Mais da metade do seu território está dentro do Parque Nacional do Iguaçu.

Referências

BERNARDES, M. H. [Entrevista para] Veras, E. *"Sinto que o mundano está incorporado": uma conversa com Maria Helena Bernardes*. Porto Alegre: revista de Artes Visuais, 22(37), 2017.

BRETON, André [Entrevista para] *Jeunes Antilles* Editions Jean Michel Place 1946

_____. Nadja. São Paulo: Cosac & Naïf, 2007.

BRUM. *Antes do Passado*. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2012.

LISBOA, Suzana [Entrevista para] Necchi, Vitor. *Não há democracia onde houver desaparecidos*. IHU-online. São Leopoldo, 1º março 2017.

HUYSSSEN, Andreas [Entrevista para] Conde, Miguel. *Andreas Huyssen discute relações entre políticas da memória e direitos*. Globo Universidade. Rio de Janeiro, 03 de ago de 2012. Disponível em: www.redeglobo.globo.com/globouniversidade/



noticia/2012/08/andreas-huyssen-discute-relacoes-entre-politicas-da-memoria-e-direitos.html#:~:text='As%20mem%C3%B3rias%20nos%20ajudar%C3%A3o%20a,%2C%20questiona%20o%20pesquisador&text=%22Esquecer%20simplesmente%20n%C3%A3o%20%C3%A9%20a,op%C3%A7%C3%A3o%22%2C%20diz%20Andreas%20Huyssen
Último acesso em: 07 de ago 2022.

PALMAR, Aluizio. *Onde foi que vocês enterraram nossos mortos?* Curitiba: Travessa dos Editores, 2005.

PATTO SÁ MOTTA. *A estratégia de acomodação na ditadura brasileira e a influência da cultura política*. Revista digital de la Escuela de Historia Universidad Nacional de Rosario. Ano 8, no 17. Pgs 9-25. Maio- agosto 2016.

VANNUCHI, Camilo. *Vala de Perus, uma biografia*. São Paulo: Alameda Editorial, 2020.

VERNANT, Jean Pierre. *Figuração do invisível e categoria psicológica do "duplo": o kolossós* (Págs. 383 - 398). Em: Mito e pensamento entre os gregos. São Paulo: Paz e terra, 2002.

Sites:

www.memorialdaresistencia.org.br



Manoela Cavalinho [Manoela Farias Nogueira] é artista e pesquisadora. Trabalha na dobradiça entre memória pessoal e memória histórica. Nesse processo, ora lembranças pessoais encontram-se com fatos históricos, ora um dado geral por vezes coincide com uma memória afetiva. Aqui podemos lembrar de Hobsbawn, para quem os acontecimentos políticos não são apenas marcos históricos, “mas aquilo que formou nossas vidas tanto privadas quanto públicas.” Mestre em Psicologia Clínica (Núcleo de Estudos da Subjetividade- PUC, 2010) e em Poéticas Visuais (PPGAV-UFRGS, 2021). Possui trabalhos nos acervos do MAC-PR, da Fundação Vera Chaves Barcellos (RS) e do Museu das Memórias (in)possíveis (RS). Foi destaque artista no XIV Prêmio Açorianos pela Prefeitura de Porto Alegre (2021).

